



# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Propriedade: Casa de Salada do Porto—Paga de Sousa  
Vales do Correio para Cete—Preço 1400

DIRECTOR E EDITOR: Padre Américo

Composição e Impressão—Tip. de Casa Nun'Alveros R. Santa Catarina, 628—Porto  
Visado pela Comissão de Censura

## DE COMO FOI A MINHA QUARTA

### CORRIDA Ó DINHEIRO

**U**M biógrafo de João Bosco, disse da sua vida, sintetizando, que ela tinha sido uma permanente corrida ao dinheiro. Se este predicado fôsse matéria bastante de canonizações, também eu havia de ser canonizado. Mas não. Não são as coisas que se sabem dos homens de Deus, que os levam à glória dos altares. O melhor, não se sabe. Eles não o disseram. Por isso é que, por muito que os autores digam, são sempre incompletas as vidas dos santos. Ora vamos a narrar, pois, de como se passaram as coisas.

Foi um domingo, 15 de Setembro e dia de Nossa Senhora das Dores. Sairam vários grupos de nossa casa, naquêl dia, com rumo e fins desiguais. Uns, foram assistir à missa nova de um sacerdote, em uma terra das visinhanças. Outros, foram ao hospital de Paredes, visitar uma pessoa doente. O Rio Tinto mai-lo irmão, foram a Mouriz. Um grupo maior, pediu para assistir às festas do Concelho de Paredes. Vai o Senhor Bispo, disseram, e lá foram. Finalmente, no nosso carro, quatro pequenos mais eu, fomos de longada até uma freguesia do concelho de Amarante, pedir.

Pode ser que alguém repare nisto de permitir que os rapazes da nossa Aldeia saiam em grupos diferentes, para diferentes sitios, a diferentes horas. Pior do que isso. Vão sosinhos! Ora a verdade é que todos nós andamos afeitos à maneira colegial. Lá vão eles ruas em fóra, uniformes, sob olhares cautelosos de quem procura roubar à mocidade, sem dar fé, o que ela tem de mais precioso: — o sentido da responsabilidade.

A' hora da ceia, os nossos estavam todos, e eu também. O regresso, foi naquele mesmo desalinho da partida; uns vieram a pé, outros arranjaram borlas em automoveis, outros, ainda, de comboio. O Velha, gabou-se de ter comido o revisor da C. P.! Era tanto apêto que êle não deu fé, explicou. O acto não se pode classificar de verdadeiramente honesto, sim, mas a distancia foi tão pequena, a quantia tão diminuta, e tamanha a alegria da malta pela comedela, que eu deixei passar. Nada disto poderia acontecer, já se vê, com as formulas rígidas dos educadores. Nem os educandos dizem o que fazem e o que sentem, por esmagados. Os nossos, não. Outra gente, outras indoles, outros processos.

Saimos de casa às 10 horas. Era o Pirulas, o Poupa, o Planeta e o Ferreirinha, com jornais e livros. O povo da freguesia esperava-nos à porta da igreja, aonde estava marcado que eu celebrasse. Os sinos repenicam. O senhor abade, vem ao nosso encontro, de estola. As creanças das escolas, em duas alas, atiram flores. E' a Obra da Rua que passa!

Antes, tinha estado em uma das terras mais fa-

Continua na terceira página.

## NOTA DA QUINZENA

**N**ÃO sei que me deu no peito, quando os meus olhos toparam agora mesmo, a trabalhar com os mais, um que ontem nos apareceu; e apressei-me a subir ao meu escritório e fazer do pequenino a nota da quinzena. Chegou um automovel à nossa aldeia, de onde saíram tres senhores bem falantes e uma creança das do nosso naipe. Ouvi a história e disse imediatamente que não. Descompuz-me um nadinha ao saber da existencia de um asilo na terra, que o não recebeu por amor do regulamento! Amor falso. E como já naquêl mesmo dia nos tivessem aparecido dois casos analogos, começo, com voz levantada, a dizer mal da minha sorte. Os senhores, bem nascidos e bem falantes, com muito mais paciencia em escutar do que eu em dizer, estavam já resolvidos a enviar o rapaz a procedencia e a seguir o caminho de Caldelas, quando eu parti a diferença e disse que o tomava como hospede, até ao regresso deles. Entreguei o hospede ao chefe dos do campo, foram-se embora os senhores e a vida prosseguiu.

Depois de ceia e à hora do capítulo, chamei o Lucio ao meio, afim de o apresentar como hospede de 20 dias. Estavamos todos. O pequeno sai do seu lugar e tomá o que eu lhe marquei. Começo a fazer perguntas:

—Se te não vierem buscar, tu sabes ir embora?

E o hospede, qual rapaz viajado, dá-me o itinerário de Cete ao Entroncamento. E ali pergunto pela linha de Portalegre. Olhos muito vivos. Linguagem muito clara. Ar de inocencia.

—Já fizeste exame?

—Nunca andei na escola.

—Tens pai?

—Quando me disseram quem êle era eu fui lá e êle deu-me uma sova e disse me para nunca mais aparecer.

O pequeno era fluente e comovente. Viam-se lágrimas nos olhos dos circunstantes, que também levaram muitas sovas por identicas razões!

—E a tua Mãe?

—A minha mãe morreu numa corda na azinhaga do

Geraldo, ao pé da Fonte dos Amores.

Quem conhece Portalegre pode confirmar os nomes. O depoente não dava ares de quem mentia. Nomes da história de Portugal: Azinhaga do Geraldo, Fonte dos Amores! Oxalá jamais alguém os troque, como é costume das senhoras Camaras, para que sempre fiquem na história! Fonte dos Amores. Também se liquidam desgraças ao pé da Fonte dos Amores.

O nosso refeitório era um tumulto de vivos, pelo silencio. Os mais pequeninos erguiam-se para escutar.

—O meu pai enganou a minha mãe e outro homem tornou a engana-la e ela matou-se. O filho não nasceu!

Senhor dos Céus. Rei de Justiça e de Paz; que sentido teria a vida, sem a Vossa presença a todos os actos do Homem, para lhe pedir contas? para lhe pedir contas.

Tinha findado o capítulo. O pequenino estava ali, rentinho ao meu peito. A Co-

munidade tinha dado já o colectivo *boas noites*, quando levanta mais uma vez os olhos para todos e exclama: *eu quero aprender a lêr.*

—Sim, meu filho. Hás-de aprender a lêr!

1.º ponto:—a desgraça dos asilos com seus regulamentos.

2.º ponto:—a desgraça dos homens que pretendem cobrir suas responsabilidades com a capa de *pai incognito* e o virem a saber, *naquela hora tremenda* que o filho era conhecido de Deus. Oh! desgraça das desgraças!

3.º ponto:—Os dogmas da existencia de Deus e da Divindade de Jesus e da perpetuidade da Igreja escritos com sangue, provados com o muito chorar e o muito amar, dentro dos muros da nossa aldeia. Os senhores bem nascidos e bem falantes, podem seguir direitinhos de Caldelas a Portalegre e dizerem ali, em meu nome, à Direcção do Asilo, que se não rasgarem o regulamento do dito, estão sujeitos a perder muitas fortunas.

## OS NOSSOS ESPINHOS

**S**EGUNDO uma comunicação do Padre Adriano, quando êle desembarcava na estação de Miranda, um dos grupos de colonos, o mais numeroso, ouviu dizer do lado: *anda zé povinho; paga e não bufes.* E em cima, a caminho do Santuário da Senhora da Piedade, aonde é o lar das colónias, escutou a mesma sentença, por outras palavras: *olha o dinheiro das nossas decimas.* Isto são dois espinhos cravados, por gente daquelas terras. Os desta, são na mesma. Há dias, entravam em um eléctrico 19 dos nossos, do lar do Porto, a caminho da Foz:

—Quem sois, pergunta o condutor?

—Somos do Padre Américo.

—Ah! Sim; uma boa industria que anda praí.

Estiveram cá uns visitantes. A uma daquelas respostas expontanias e luminosas, que os rapazes costumam dar, fizeram os senhores o seu comentário. *Sim senhor. Os rapazes estão muito bem ensaiados.*

De maneira que temos em Portugal um governo que dá pelo nome de estado novo, o qual se entretem a pagar todas as despesas de uma industria nova em que os rapazes, às chusmas, são ensaiados na mentira. Ou seja, quem faz a casa na praça, uns dizem que ela é pequena; outros que é grande! E ninguem acerta.

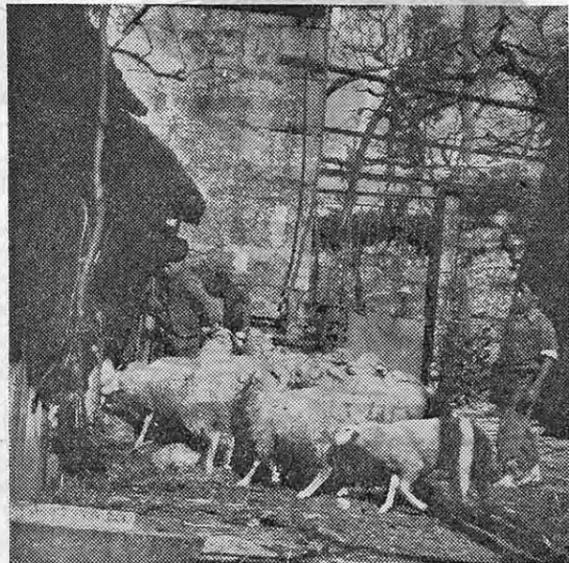
Mas há mais e melhor:—O Poupa entra em um eléctrico e oferece «O Gaiato»: *Ande, que é para ajudar o Padre Américo.* O Senhor comprou, mas o condutor quiz certificar-se.

—Para a Obra de quem?

—Do Padre Américo.

Continua na segunda página.

# Vinhas a notícia de Um arraial minhoto a favor *(tipo pequeno)* da Casa do Gaiato



O nosso rebanho! As nossas ovelhas! Temos actualmente 20 delas, graças a mais um contingente de seis que há dias vieram, de parte de quem no-las tem dado todas.

Junto aos seus balidos, ouve-se a voz dos pastores, que levam o dia a cantar *modinhas* e a chama-las pelo seu nome: *anda rôla*. E a rola anda. Foi a vida pastoril daquele tempo, que deu ao Mestre Nosso Senhor a matéria de uma das mais formosas parábolas que o Evangelho tem: *Eu sou o bom pastor*. Só por isso valia a pena o rebanho, mas a gente também o quer para os grandes alertas: *Oh rapaz. Olha as ovelhas!* quando elas entram nos campos. Quere-o prós grandes sarilhos: *olha quem vai a cavalo!* Quere-o prás grandes dores: *foi a marrada do carneiro!* O rebanho, é o ponto nevrálgico da nossa obra. Há dias estava a celebrar, e oiço cá fóra: *olha as ovelhas nos campos*. Adeus missa!

A's vezes dá-me ganas de me desfazer das lanigeras, mas é um mau pensamento.

Já temos um rôr de cobertores de lã e vamos tentar fazer queijo. Sem as ovelhas, nada teríamos.

## Os nossos espinhos

Continuação da primeira página

—Esse padre que pegue numa enxada e vá cavar, que tem bom corpo!

Era de uma vez uns homens de Coimbra, que foram deportados por lançar bombas! Eram lavrantes de ferro e ganhavam como ninguém, mas o que eles pretendiam era a desordem. Falavam na mesma, gostariam de ver o padre de rastos. Pois muito bem. Filhos, sobrinhos e suas mulheres encontraram-se comigo, alguns até ao leito de morte! Para aqueles e para estes, *vai a terrível vingança, Pai Celeste; perdoa-lhes, que não sabem o que dizem*.

Assim se vingou o Crucificado!

Gostaria de ter mais corpo e mais forças para cavar mais fundo, com aquela enxada que o condutor de carros não vê nem compreende. E' muito mais facil conduzir *eléctricos* do que almas!

## Cantinho dos Rapazes

Muitas vezes vos tenho dito e agora venho repetir: Dentro das nossas Casas tudo vos é permitido — tudo,

excepto o pecar. O pecado é o Mal. Tamanho que o próprio Mestre, naquele tempo, aos aleijados que lhe traziam para curar, ia direitinho ao verdadeiro mal: Perdoava-lhes os pecados. Não era o aleijão. O pecado é uma privação actual da vida da Graça e esta é a vida da alma e a alma é o homem. Se fosses deixado na rua, não terias as responsabilidades que hoje tens. Não saberias aonde nem como pecavas. Hoje sabes. Cautela!

Os nossos tribunais dão muita luz e aguçam a consciencia. Ninguém põe aqui em casa o pé em ramo verde; todos ali vindes prestar contas dos vossos actos. Daí a razão das coisas.

Escutais as sentenças. Tudo isto ilustra e alevanta a tua alma. Por isso mesmo serás mais castigado. Aqueles a quem muito se dá muito se de, ap uma verdade eterna.

## Do que nós necessitamos

Mais 500\$, outra vez, de Viana do Castelo. Ainda há pouco viera igual soma, das mesmas mãos! Mais uns pares de calçado de Lisboa. Mais um pacote de roupas usadas de identica procedencia. Se nos não ajudassem a resolver o problema de vestir e calçar estas creanças, como poderia eu faze-lo, sózinho?! A Mãe de um rapaz de 15 anos, do Porto, acompanhada de sua Mãe, uma Senhora estrangeira, veio aqui ontem, vestida de dó, cumprir a derradeira vontade do filho. Trazia dois soberbos pacotes com toda a roupa que fóra dele.

—Mas podemos usa-la sem perigo de contágio?

—Sim, podem. Ele morreu do coração.

Sim; na verdade assim é. Quem ama, sofre e morre do coração! A' noite, houve *tribunal*; chamar cada um à dignidade de uma tal herança. Se a *Obra da Rua*, com suas Casas do Gaiato, é objecto e ocupa por tal forma o pensamento duma creança moribunda, está verdadeiramente acreditada. Desdobrei as peças uma por uma, que a Mãe do rapaz de 15 anos, antes tinha dobrado. Foi ela. Não podia ter sido outra pessoa. Quem ama, ama até ao fim. A Mãe quiz exgotar o calice, e exgotou o calice! O Mestre fez assim. E' o Mestre quem ajuda os nossos *getesemanis*.

Era de uma vez um general romano que foi condenado a matar-se e deram-lhe um punhal para que consumasse. Ele tomou a arma e reciou. A Mulher estava, toma o punhal em suas mãos, fere-se. O sangue corre. Ela entrega ao seu marido o instrumento: *Anda. Não doí*. E assim lhe deu coragem para morrer.

Isto é uma parábola. Sem parábolas, ainda hoje não compreendemos o Filho do Homem.

Insisto em roupas usadas. Pacotes de roupas usadas dos vossos filhos. Ajudais a nossa pobreza e sobretudo alimentais a característica unica da nossa obr: *não há uniformes*.

Lembro também, nesta coluna dos namorados, oiro de espolios. Aqueles Netos de Lisboa, conforme aqui foi anunciado, venderam o que tinham, fizeram dois contos e entregaram o dinheiro.

Sómente a caridade é capaz de fazer de oiro roupas. Não me queixo de ninguém. Mas gostaria que o calçar e o vestir esta legião de garotos, não fósse problema a resolver só por mim.

Mais de S. Pedro do Estoril, o produto de uma festa de creanças para estas nossas creanças, 388\$00. Nem tudo são sombras naquela costa chamada do sol! Aonde a creança, vai a luz.

Velas de cera de 1.<sup>a</sup>. Compram-se por detrás da torre dos Clérigos, Custam 40\$ o quilo. Foi lá por elas o nosso Ernesto e travou discussão, com desagrado do dono da loja.

—Dê-me um contrapêso.

—Não pode ser.

—Mas você deu ó outro, que cá veio da vez passada.

—Mas agora não.

—Pois eu sou como o cão do asougue; não saio daqui sem o osso!

Ora isto não pode continuar. Os nossos, alguns dos nossos, são por vezes, um nadinha atrevidos. Eles eram da rua!

Por amor da nossa economia e boa reputação, antes queria que fosses tu mesmo à loja. E' cera para o nosso altar. Pouca dá para muito. Nós acendemos unicamente as do estilo. O nosso altar é sobrio e severo. Não queremos *coisinhas* por de cima dele. E' a Pedra do Sacrificio In-cruento.

Era assim que vinha a dizer no jornal daquele dia. No Noticias do Porto. E promenorisava. Eu também o fiz à Comissão. Espero que me não tenham levado a mal. Nós não podemos aceitar recursos assim. *O Gaiato* é a voz da *Obra da Rua* e a fonte da sua doutrina. Nele se tem revelado sobejamente qual o nosso pensamento acerca das chamadas festas de caridade.

As principais familias do Porto e de Vila do Conde e da Pooa de Varzim, já requisitaram mesas, como vem na noticia. Após o serviço, *iniciar-se-á um baile até alta madrugada*, como também se diz. Mais se informa que *não obstante quási todos os convidados terem automovel, a comissão negociou carreiras de auto-carros e ate um comboio especial!*

Para quê? Vem lá a dizer: *para arrancar à dôr muitos rapazitos sem lar*.

O mundo cuida que para uma tarefa tão difficil quam santa, basta comer e folgar *até altas horas da madrugada!* Assim nos enganamos todos!

Eu tenho que os nossos jornalistas deviam antes orientar do que relatar. Se eu fósse um jornalista, assim havia de fazer. Sabido como é que um mundo de almas acredita e guia-se pelo jornal, vale bem a pena dar a essas almas alimento adequado.

## Recorte de "O Figueirense"

Não conhecemos o Padre Américo nem a obra de regeneração de rapazes, que se iniciou ali perto de Coimbra e tem forte ramificação para os lados do Porto, mas porque nos dizem ser de grande alcance e proveito social, compramos sempre que o vemos nas mãos dos vendedores, o seu orgão oficial, «O Gaiato» que lemos de fio a pavio, não porque nos diga novidades sensacionais, mas... para ajudar-mos uma obra que consideramos meritória e benemérita.

No domingo, não deixamos de cumprir o nosso dever, logo que os gaiatos nos apareceram com o jornalzinho, que começamos a ler, sentados a uma mesa das esplanadas do «Picadeiro», ao mesmo tempo que viamos passar para a praia de banhos e regressar

da missa das 11, inumeras pessoas respirando boa disposição.

E ao mesmo tempo que liamos «De como foi a minha segunda corrida ó dinheiro», que ocupava quase toda a primeira página, iam observando como eram recebidos os gaiatos que ofereciam o seu jornal; a grande maioria das pessoas bem tratadas e bem vestidas, ou viravam a cara, ou se afastavam, para não darem um mísero escudo para ajudar uma obra que só louvores pode merecer. Poucos foram os que, como nós, compraram imediatamente e pagaram de boa vontade, por mais do que lhes era pedido, o simpático jornalzinho que todos os ricos, principalmente os ricos, deviam ler e meditar acerca do que enche as 4 páginas.

Se aqueles senhores do *Picadeiro* soubessem que os rapazinhos do jornal são naufragos que a *Obra da Rua* salvou, haviam de abrir o seu tesouro. Haviã, sim senhor. Abrir o tesouro e dar, para que os pequeninos naufragos de ontem não voltem a naufragar e salvem outros. Que tesouro? A Carteira? Não. Isso não presta. O coração!

# VISITANTES

Sim senhor. Muito bem. Não posso dizer com verdade que eles alimentam a obra; não posso. Mas que nos ajudam consideravelmente, isso sim. O norte. O sul. As Colónias. O Brasil. A Belgica. A Inglaterra. A Suíça. A Alemanha. A Polónia. A Espanha. A França. A Itália. Vencidos e vencedores team-se encontrado sem medo ao pé do nosso cruzeiro, sinal do Rei Pacifico.

O *Zé da Lenha* é o cicerone mais popular. O *Periquito* também, e gosta imenso da tarefa, mas quási sempre se encontra ocupado a rapar *vitimas*; ou êle não fósse o nosso barbeiro. Outros cicerones de nomeada são o *Pirulas* e o *Figados* e o *Bucha*.

Automovel e visitantes suntuosos, não são critério da esmola. Nem tudo que reluz é oiro. Muitas vezes é do que *não presta* que saem

grandes quantias. O dar não corresponde ao ter.

Se a relação estivesse ali, haveria no mundo uma melhor distribuição, porquanto êle há muito muito que distribuir. Mas o coração interpõe-se e à medida que o volume de haveres cresce, também aumenta o cuidado de os arrecadar. *Vou fazer mais tulhas e mais toneis*. E não disse o insensato da parábola—*vou distribuir*.

Peço desculpa ós meus fervorosos leitores de ser às vezes um nadinha presumido e armar em *mestre Inácio*, mas eu tenho um desejo; uma grande aflicção: Revelar as riquezas do Evangelho aos pagãos. Aos *pagãosinhos* dos nossos tempos, que procuram imitar os cristãos e querem ser assim chamados!

Que venham mais visitantes.

# MIRANTE

## DE COIMBRA

# Crónica do Lar do Porto

Rua D. João IV, 68a



### Ideias...

Estou, de momento, a officiar numa grande igreja de Coimbra, no coração da cidade. Este grandioso templo, teatro da fé dos tempos idos, é agora, como tantos outros, testemunho da impiedade dos nossos dias. Muitos foram já destruídos por inúteis — fogueiras estéreis a ocupar terreno precioso. A mesma sorte caberá ainda a alguns.

Tenho medo daquêlê vazio. Não foi a riqueza aquela riqueza — *falácia* — que se ausentou; foi a pobreza que, irradiando do centro da cidade e do seio da Igreja, para viver em aglomerados excêntricos à margem de toda a higiene, moral, e religião, — nos deixou as Igrejas desertas. Deixamos perder os operários — *escândalo do século XX* — e deixamos cair os pobres, a grande massa cristianizável. Os conventos transformados em casernas, já não distribuem sopa nem a verdade. A fome é má conselheira.

Em contrapartida, a cidade está coalhada de capelinhas onde os meninos ricos são apapricados. E todos acham bem.

O Pobre não é atéu. A privação e a dor aproximam-no de Cristo crucificado. Tem fome e sede de Justiça. Quer o pão da verdade e não há quem lho reparta. Que de vezes não tenho ocasião de constatar esta verdade! Sempre que passo na Estação Nova, aproxima-se de mim um pobre farrapo humano a vender pentes e atacadores *andô me guarda lá um lugar para mim?*

— Como? a casa é só para crianças...  
— *Ali estou cansado desta vida* — diz ele em tom humilde e sincero — *eu queria morrer nessa coisa da religião.*

E, em plena Conchada, que actos heróicos tenho presenciado! Há um rapazinho que tem sido rudemente fustigado por não querer rebatizar-se numa seita evangélica, e um pobre sapateiro a quem tenho cedido pregos para segurar a barraca que ameaçava cair-lhe em cima. Sei que percorreu a pé, mais de duzentos quilómetros para cumprir um voto felto à beira da esposa moribunda.

Quando por ali passamos sempre uma chusma de crianças, sujas e esfarrapadas nos rodeia — *conta-nos a história do Cristo do Senhor!*

Ora eu achava bem que as capelinhas forradas, encerradas e esquentadas a contrastar com escaldado de Gólgota, arejassem um pouco, para darem vida à «Igreja mãe» e que os zelosos capelães, sem saca nem bordão (hoje o Mestre diria: sem carteira nem automóvel) procurassem estas terras de missão, para irradiarem a luz que têm debaixo do alqueire.

Eu dava o pescoço ao machado de Herodes para ouvir dizer como os discípulos de João: Os cegos andam, os cegos vêem, os mortos ressuscitam e os Pobres são evangelizados.

### ... e factos

A *Obra da Rua* é feita de inúmeros sacrifícios e dedicações. Daí o seu valor.

Na verdade, tudo merecem os que, para viverem e progredirem, só podem contar com a força de braços amigos.

Muitas vezes aqui temos ocasião de agradecer a generosidade dos que vêm em nosso auxílio para, em tempos tão difíceis, sustentarmos tantas bocas. Recordo neste momento amigos dedicados da Beira, de Coimbra, de Lisboa, de Miranda, etc.

Mas, nem só do pão vive o homem. O espírito tem também o seu alimento e não faltou igualmente quem puzesse à disposição da Obra, a luz que tinha em casa.

Coube a primazia ao Colégio Pedro Nunes com uma bolsa de estudo. Aproveitou-a um pupilo do Lar que, como se sabe, soube honrar o Colégio e a Obra. E, como o bom exemplo desperta emulação, a juntar à primitiva oferta que se mantém, vem agora nova bolsa do Colégio de S. Paulo.

Não temos ainda quem a possa aproveitar, mas dias virão que as ofertas serão poucas para os valores arrancados do lixo.

E' o que sucede já com os alunos do seminário. Um deles encontrou uma madrinha que quer dar à Obra um Apóstolo. Um padre a mais na Obra equivale a abrir mais uma casa e tirar da rua cem crianças.

Mas o outro teve menos sorte.

Conheci-o a primeira vez, faz agora um ano, numa cama do Hospital. Um pequenito simpático, de olhos azuis a saírem debaixo dos lençóis brancos e o terço dependurado na barra da cama, atreíram-me a atenção.

— Estás melhor petiz?  
— Estou, sim, obrigado.  
— Que mal é o teu?  
— Parecia febre tifoide, mas os médicos dizem que não é.

— Queres uma revista para te distraíres?  
— Ai que bom! Deixe ver.  
— Sabes ler?  
— Já fiz exame de 4.ª classe.

— Que vais fazer quando saíres daqui?  
— Eu muito queria ir para o Seminário, onde o meu pai já morreu e a minha mãe é muito pobrezinha... Não tenho quem pague.

— Bem, quando tiveres alta, passa ali pelo Lar e falaremos.

Dias depois lá estava êle.  
— O sr. padre está?  
— Não; está para Miranda.

O pequeno sentou-se na soleira da porta a chorar. Voltou dias depois.

— O sr. padre está?  
— Não; está para o Porto.

Inquiriu distâncias, preços de comboio. Não tinha dinheiro que chegasse senão iria ter comigo.

De novo, se sentou na soleira da porta a chorar. Desalentado com o sonho desfeito.

Voltou para a terra. Escreveu de lá e eu disse que sim. Era uma vontade de ferro e uma vocação decidida. Vai agora para o 2.º ano e... ainda sem bolsa de estudo, quero dizer: sem madrinha.

P.º Adriano.

O Fernando é um pequenino de 18 meses que é trazido à nossa casa todas as manhãs e tardes pelo seu irmão Manuel que esteve nas Colónias de Campo de Paço de Sousa mas que não conseguiu hábitos de amor à higiene. Vem sempre muito sujo e muito sujo traz sempre o irmãozito. Há dias lavei o mais pequenino e mandei o mais crescido que se lavasse também.

Hoje foi chamado a Tribunal o Avozinha, porque, tendo-se-lhe pedido que lavasse o pequenino ele se recusara de principio a isso e o fizera depois de muito má vontade. No tribunal fez-se-lhe ver o que êle Avozinha, seria e como andaria se não fosse a Casa do Gaiato. Mais se lhe apresentou a obrigação de desejar e procurar para os rapazes da rua o bem que êle aqui tem.

O Auxiliar assistente do nosso Lar do Porto, é o Senhor Pacheco. Há 20 dias que está em férias que são muito justas e merecidas, pois vem desenvolvendo nesta cidade e na nossa Obra uma actividade sobre-humana. Num destes dias vim-nos em sérios apuros por causa dumas senhas, duns prémios, dumas mercearias e não sei de que mais. O barco ainda se vai governando menos mal sem o comandante em tempo de bonança. Agora em tempestade é mais sério. O Senhor Pacheco é homem que volta o Porto do avesso. Por isso estamos suspirando por que depressa e com melhor saúde volte para junto de nós.

O nosso Domingos José Anjos, tem a alcunha de Avózinha. E que bem que ela fica!... Disse Avózinha e está tudo dito. E' o menino bonito cá na casa... um mimo no caco... um chora mingas... e continua a ser um menino guloso.

Quando vem da Padaria Cunha vem a cheirar a bolos. Quando era dispenseiro em Paço de Sousa andava sempre a esconder lá pelos cantos da dispensa copos de vinho com pão e açúcar!... Agora... *ô Avozinha porque estavas a chorar na Padaria?* Estava a chorar porque o meu patrão me obrigou a comer meia duzia de bolos.

## Noticias da Casa de Miranda

por João Carlos Freitas

Temos ido, como de costume, aos domingos, com muito agrado, visitar os nossos pobrezinhas. Ficam sempre muito contentes com a nossa esmolinha. Temos levado do pouco que há, batatas, pão, e uma ou duas vezes azeite que nos deram, massa, etc.

O pão é-nos dado pelos gaiatos que fazem o sacrificio de dele para os nossos pobres. Temo-nos reunido todos os domingos e cada um conta as necessidades do pobre que visita. O velhinbo das Miãs pediu-nos uma camisa e pomada para as grandes feridas que tem nas pernas. Vamos levar-lhe um capote que nos deram na Trémoa, para ele se agasalhar na mangedora. Não encontrámos em casa a familia do pobre da Ribeira. Ele correu a mulher e os filhos para fora de casa e ficou sózinho. Por isso a esmola vai para a Familia que vive num casebre na vila.

Vieram mais dois meninos para a Casa. Um é de Mesão Frio e o outro de Nelas. Um deles é muito tagarela e às vezes não diz coisa com coisa. E chamam-lhe ora *fala-barato* ora *pólvora-seca*. Como todos aquelas que chegam de novo, tiveram três dias de hospedagem. Nesses dias não têm obrigação. Brincam, choram, passeiam e correm os cantos da Casa, depois marcam-se obrigação e vão trabalhar. A principio, chegaram a combinar para fugirem, mas como são de longe não sabem para que lado é a terra deles, ficaram. Às vezes perguntam por onde se vai para Coimbra e a gente diz-lhes que para a banda do pinhal; se fugiram têm medo e voltam para trás.

O Rádio já pediu para lhe tirarem o nome de Rádio e diz que o *fala-barato* fala mais que ele.

O Pedro, com a venda do jornal, arranjou uma lata que ninguém o vence. Ontem ficou sem merenda. No fim foi para as espigas debulhar e só dizem que já pesava menos quatro quilos. Veio-lhe uma ideia à cabeça; foi para o pé da Senhora e começou a cantar! «Um homem vai da terra para galucho, vai tão gorducho que até faz luxo. Ao fim de três semanas de serviço». A Senhora achou-lhe graça e deu-lhe um bocadinho de pão.

Voltou para a eira a dizer que já só pesava menos um quilo.

Estamos perdidos com a ladroagem! Já por umas

Não me posso gabar. O riscó é do architecto Teixeira Lopes. A fotografia é do Nuno de Riachos. Não me posso gabar, sim. Mas consolo-me de habitar a aldeia mais portuguesa de Portugal, mesmo sem galo de prata. Ele há quem não diga assim. Muitos há que gostariam de vêr sempre na rua os da rua. Sabe-se de senhores potentes que não querem os seus subditos na escola! Não lhes são dadas as letras, nem o asseio, nem o conforto:—Castas. Assim se humilham os humildes! Na India compreende-se. Há os que nascem para baquêta e os que nascem para tambor. A divindade deles é muito complexa e da mesma sorte a moral e os costumes. As castas brotam do próprio Deus; umas saem da cabeça, outras dos membros. Na India, sim. Mas aqui em Portugal, aonde um dia se disse e ficou como doutrina, que *agora já não há servos nem senhores, mas somos todos irmãos*; aqui não faz sentido que os senhores não queiram dar aos servos aquilo que desejariam para si.

## De como foi a minha quarta corrida ó dinheiro

Continuação da primeira página

mosas e mais formosas de Portugal. Ali é que há-de ser, diziam-me. Pois não foi nada. Uma aldeia pobre de entre Douro e Minho, deu mais aos pobres do que aquela terra de gente muito rica! Não é de agora. Já o Mestre se queixava no seu tempo e disse coisas verdadeiramente terríveis acerca dos ricos e das riquezas. Os pequenos que tinham ido mais eu, fizeram o peditório, contaram e guardaram o dinheiro, caso este muito admirado: olha; são eles que guardam o dinheiro! Pois são sim senhor. Se eles não são capazes de guardar hoje aquilo que é dos outros, como hão-de guardar amanhã o que é deles?! E como poderíamos nós tirar a prova, se os não submettessemos a esta sorte de contas, como?

O almoço foi na Casa do Marmoiral, solar—memória de gerações, cujos senhores foram os responsáveis pela minha presença naquela aldeia, a bem da creança abandonada. Era já tarde quando retiramos.

poucas de vezes que uns senhores dos arredores da nossa quinta, se atrevem a irem ao milho, aos cachos e às batatas. Há dias eram dois larápios e ontem um. Todos lhes rogam pela pele. O Sérgio anda a vigiar de noite com um e a até diz que se apanha algum que o deita a baixo. O Senhor P.º Torres tem o aviso-do que não atire à cabeça, basta que o marque mas êle já anda tam farto de ficar de atalaia que é capaz de perder a cabeça e matar um. Toda a gente se queixa que roubam coisas. E' demais!

Andam todos ansiosos para que chegue o dia da vindima. O' coisa! quando é a vindima? Os cachos já estão maduros e então o apetite não nos falta. Já tivemos merenda de chachos. Soube-nos a pouco. O que não está certo é nós andarmos a fazer sacrificio de não tocarmos nas uvas e os de fora roubar os cachos.

Por enquanto os que não trabalham nas oficinas e os cozinheiros andam todos ocupados na colheita do milho. Vão uns apanhar as espigas, outros trazem-nos no carro, outros desfolham. Não há moais nem descarroladora. Os miuditos é que debulham o milho esfregando com uma espiga na outra. Quando está mais agussado arrancam a dente. E' uma beleza ver os miuditos todos a escarolar.

# Isto é a Casa do Gaiato

**T**ERVE lugar em Cete, a 8 de Setembro, a festa da Senhora do Vale. Alguns dos nossos foram. O Fernando, jogou na vermelhinha e perdeu 15 escudos. A noite contou-me, amargurado: *nunca mais!* Os companheiros tinham-no já fritado dos dois lados: *anda meu pedaço de asno!* No dia seguinte, à hora e sítio do costume, fêz-se um tribunal. A matéria foi o jôgo.

As tentações, as consequências, o mal do jôgo. Do jogador não disse nada. Ele já ontem dissera tudo: *nunca mais!*

Não disse nem poderia dizer. Se são tantos e tamanhos a fazê-lo ao abrigo da lei, como poderia eu castigar o Fernando, que nasceu em Portugal?! Aqui há tempos saía de um casino, de pedir.

— Sabe de quem é aquele carro? — Não sei. — E' de X. — Quê?! — Sim. Vem aqui todas as noites. Perde fortunas. O mesmo X tinha estado antes em um banquete de cem talheres, oferecido pelos seus admiradores, com brindes de categoria, como vinha nos jornais. Eu tenho que a multidão de incredulos que recusa escutar a palavra do Mestre, devia tirar destes factos argumento seguro para crer e esperar na vida eterna. A menos que dessem ser, como diz o Apóstolo, *os animais mais miseráveis do mundo.*

**O** Piriquito foi à feira a Paredes e comprou, segundo ele, meio cento de figos passados por 2550. O Piriquito tem dinheiro, dos cabelos que corta e barbas que faz.

**A**S nossas refeições principais que são o jantar e ceia, tem a comparação dos professores à mesma hora e sítio dos rapazes. Mas o almoço não. Ao almoço, são eles e mais ninguém. O almoço consta de papas de milho, leite e borã. O cozinheiro de semana, levanta-se às 6,30. Tem um despertador de propósito para si, que ele coloca sobre uma cadeira, rentinho aos ouvidos. Às 7 horas, ferve o taxo e às 7,30 toca a sineta. Não se descreve aquela hora! Os rapazes dão-lhe um tal brilho e uma tal vida, que supera toda a linguagem humana! A capela é pertinho. Eu oiço e rezo, de contente.

**O** Botas, que distribui a borã, tem má opinião. Quase todos os dias se queixam dele os chefes, a pugnar pelos seus subditos: *olhe o botas!* E mostram os minguidos nacos. O botas é imediatamente chamado: *que é isto, botas? São os outros que roubam.* E' muito difícil, nas nossas comunidades, chegar-se ao fundo das questões, pela poeira que eles levantam. Poeira inocente. Outros, por outras questões aonde também se não chega, levantam outra sorte de poeira! E' tão fácil desculpar creanças, quando observamos os erros dos homens, nomeadamente daqueles que se chamam e gostam de ser grandes!

E', até, este o seu maior erro. Não é lição que o Mestre tenha dado! A d'Ele é as avessas. *Quem verdadeiramente quiser mandar, faça-se servo.*

**A**CABO de chegar de uma volta pela quinta, que é o nosso paraíso e venho dar contas do que por lá vi e ouvi: O Rio Tinto e mais sete dos grandes, abalaram manhã fóra para o mato. Ao meio-dia, foi o pastor levar-lhes o caldo. Ao cair da noite, chegaram a casa com um carro dêle a tocar nas estrelas—, de alto que era.

Grupos dos maiores, cortam milho nos campos, que outros transportam em espigas, para a eira, enquanto que a palha e acarretada por outros, para as cortes po gado. Chusmas dos mais pequeninos debulham, cantando em cânticos que já não são da

rua. Não há nada como o trabalho para entusiasmar e prender esta sorte de creanças. Estamos em Setembro e ainda só fugiu um! Pode aborrecê-los nos primeiros tempos, sim; veem afeitos à rua. Mas depois sabe-lhes bem. A's avessas do pecado!

Pela experiência que tenho colhido, pelo bem que quero à Creança Abandonada, pelo desejo estuante de um Portugal melhor, atrevo-me a enunciar aqui os erros imperdoáveis que ainda hoje se cometem por essas terras além. Aqui nesta mesma casa que hoje se chama do Gaiato e antes era a Casa-Pia, houve por muitos anos rapazes entregues ao *despêlo* da Junta, os quais nunca botaram de comer às galinhas, jamais colheram uma espiga, não eram senhores de uma pomba, tidos a havidos por coisas, que não por almas! Dá pena! Tão apegados estamos a estes erros gravíssimos, que quando tomei conta, pessoas de bem pediram-me e insistiram para que deixasse continuar a quinta na mão dos rendeiros. Que os não despedisse. Tendo, até, ouvido de um senhor de bem (e aqui é que está o mal) que era uma injustiça mandar os caseiros embora! E o que é que se há-de chamar ao acto de não darmos à creança aquilo que lhe pertence?! Não será ela a primeira a ser considerada?

Oh! campo de jogos, casas de beleza, fontes e lagos, pomares e hortas, trabalho e alegria, horizontes, cor e luz! Pátria dos sem pátria. Vida dos que a não tinham. Como gosto, como me deleito loucamente em poder dar testemunho de uma riqueza perdida e mostrar o caminho do seu verdadeiro aproveitamento: — O trabalho. O amor ao trabalho. Era uma vez um homem que faleceu. Quando chegou, aparece uma data de creados a espanar, a arrumar, servir. Para qualquer sítio que o

mor.o fôsse, iam logo atrás creados, que o não deixavam fazer nada; eles faziam tudo, absolutamente tudo. O morto, desesperado, exclama:

— Deixem-me trabalhar.

— Não senhor. Aqui não se trabalha.

— Mas isto é um inferno!  
— Não é um inferno. E' o inferno. V. Ex.<sup>a</sup> está no inferno!  
Ora eu quero os meus filhos no paraíso. Quero que eles trabalhem por gosto, a seu gosto as horas que quiserem. Nem os sindicatos cá veem cheirar, para ser em tudo e por tudo um verdadeiro paraíso!

**O**NTEM entrava um grupo de visitantes e eu, casualmente, estava perto. O cicrone aparece de mãos ocupadas com um pedaço de borã, a comer, descuidadamente! O grupo de visitantes prossegue. A porta do nosso escritório estava aberta. Eles entraram e eu também. Quem fomos nós topar lá dentro? O Ferreirinha. O Ferreirinha do Lar do Porto, que está connosco em férias. Pois também ele tinha um tremendo naco de borã na mão.

— Que deslante é esse?

— Foi feita agora; ainda está quente!  
Estes pequeninos episódios caseiros, representam uma conquista formidável e acreditam um método. Conquistar cada um dos educandos pela confiança. Tudo quanto seja método de espreitar o rapaz, é máquina de fazer hipócritas. E ele há tanto disso por esses colégios e seminários além, — tanto, tanto!

Gosto que nos venham ver; que nos conheçam que nos estudem, a vêr se a opressão daquelas ditas casas diminui um nadinha, se não puder ser totalmente removida.

**O**UTRO caso. Tocou a sineta para a refeição do meio dia e um grupo de visitantes que estava, mostra desejos de assistir. Primeira observação: *olha, veem aos grupos!* Sim. E' verdade. Veem aos grupos, conforme suas ocupações: campo, oficinas, serventia nas obras, limpezas das casas, comer aos gados. Os senhores quiseram entrar no refeitório. O pequenino chefe levanta a pequenina oração e todos se sentam, mas ainda não estavam todos. De novo oiço outra observação: *olha, vão chegando!* Sim. Vão chegando. Os mais solícitos, não aparecem sem acabar a tarefa. Um dos visitantes daquela hora, sacerdote de rito bracarense, vem-se aproximando da mesa aonde eu estava, e repete contente: *nós somos 13 irmãos, e em nossa casa é assim; não veem todos juntos para a mesa.* Ora aqui é que está. Toda a obra social de amparo aos sem-família que não tenha a estrutura da família, é uma linda teoria.

**O**NTEM à noite dei aviso que já se encontra na estação de Cete o barril de óleo de figado de bacalhau e que a guia está comigo. São duzentos litros dele. Este foi o derradeiro aviso da noite. Outros, foram acerca de cachos e de figos e de pêssegos. Um outro, ainda, foi sobre certos abusos dos mais pequeninos, os quais atei-mam em não considerar as lindas e pequeninas retretes, no pequenino quarto de banho, que para eles se fizeram. Tudo correu na forma do costume, mas co aviso do óleo de figado de bacalhau: *oh! caras! oh! gemidos! oh! protestos!* O Bártolo, cuidando que o óleo já ia ser dado naquela noite, desata a fugir pela porta fora. Mas todos tomam, todos.

**A**S vezes acontece, sobretudo quando há cópia de visitantes, aparecer um *gaiato* no meu escritório: *foi os senhores que ateimaram.* E entrega moedas de tostão Isto é a revelação daquele engano em que se vive e que facilmente se comete: dar tostões às creanças da rua. Não é, evidentemente, aquêlê tostão que *na marê* se dá à creança; com tão diminuta quantia não pode ir muito longe. Mas o tostão de *agora* junto aos que já tem e ainda a *outros* que vai recebendo, leva o rapaz a procurar *sócios* e ceiam à noite no *caçoila* de Cedofeita, de onde partem os primeiros vôos das suas primeiras aventuras...! Tenho colhido aqui entre eles importantes informações, que me dão matéria interessante e desejos de denunciar o mal do *tostão*. O tostão não os tira; faz-lhes mas é criar amor à rua. Se bem meditássemos nas consequências dêste mal, ninguém teria coragem de dar o tostão. E' cooperar num mal. E' ser cúmplice de roubar. E' um pecado contra o sétimo mandamento!

*Mas podem reparar de eu não dar nada ao pequenino!* Não tem importes. *Mas o rapaz está com fome!* Dá-lhe de comer. *Mas não há nada nas lojas!* Deixa-o ficar com fome. A caridade tem de ser bem ordenada. Nunca é lícito pôr uma acção má em procura de um bem. O alicerce da caridade é a justiça. O problema da creança das ruas é uma questão de justiça. Casa às famílias. Pão às famílias. Evangelho às famílias.

Reparar bem na ordem: Casa. Pão. Evangelho. Não vá a gente pretender prègar o Evangelho aos que não têm casa nem pão. Cautela!

Menos ricos para haver menos pobres, e que cada um guarde os seus tostões. Assim, sim.

## Assinaturas pagas

Dr. Jaime Beltrão, 58\$; Maria José da Silva Mingot, 25\$; Homero Lencastre, (2 anos), 100\$; Silvino Sotto Maior, 100\$; Eduardo dos Santos, 50\$; José Maria da Silva, 50\$; todos do Porto. D. Conceição, Fátima-Cova da Iria, 50\$; José Joaquim Figueiredo Barbosa, V.N. de Gaia, 30\$; Cândido Augusto Morais, Leça da Palmeira (2 anos) 50\$; Dr. Armindo Lage, Ermesinde, 50\$; Domingos de Castro Rosas, Gondomar (2 anos), 50\$; António Rebêlho Pinto Lino Netto, Lisboa, 50\$; P.<sup>a</sup> Miguel de Amorim S. Martinho do Porto, 40\$; D. Judit de Magalhães, Lisboa, 30\$; Maria de Lourdes Eliseu, S. Martinho do Porto, 30\$; Vasco Marques trigo, Porto, 60\$; D. Júlia Santos Ferreira Barata, Bordeiro de Gois, 50\$; P.<sup>a</sup> António Joaquim Ribeiro, Grijó, 50\$; Dr. António Augusto G. da Costa, Paredes, 20\$; D. Maria Fernanda Sarmiento, Tôrres Vedras, 50\$; P.<sup>a</sup> António Oliveira Pitta, Moreira de rei, 25\$; Joaquim Fernando de Castro e Sola Campos, Porto, 20\$; Rui Monteiro, Lourenço Marques, 50\$; Fernando José de Aguiar Calado, Lisboa, 50\$; Dr. Mário Morais, Lisboa, 50\$; Irmã Maria da Fonseca, Cova da Iria, 20\$; Maria Carolina Leite da Silva, Guimarães, 25\$; Cónego Gaspar de Freitas, Porto, 40\$; Antonio Rêgo Barbosa, Porto, 50\$; Salvador Gonçalves Valentim, Porto, 100\$; Dr. Manuel Pádua Ramos, Abrantes-Rio de Moinhos, 50\$; Alice Oliveira Pinto, Torres Novas, 20\$; Amadeu Gonçalves da Costa, Louro-Famalicao, 20\$; Menino António Manuel Gagliardini Graça, S. Martinho do Porto, 20\$; Abilio Bastos, Manteigas, 20\$; Maria das Dores Brandão, Porto, 20\$; Joaquim do Almada e Moura, Porto, 30\$; Belmiro Morais Gonçalves, Porto, 30\$; Joaquim António de Almeida, Tabua, 20\$; José Augusto Teixeira, S. João da Madeira, 100\$; Fernando Moreira Ribeiro, Covi-

**Apareceu aqui agora mesmo o Lucio de Portalegre, com oito cartões de outras tantas pessoas daquela cidade de quem eu me despedi e me deram coisas, disse. Ora os nomes são Herminio Garcia de Castro e Angelina do Carmo Serra e João da Cruz Ceia e Ludovina Esteves Gonçalves e Manuel Cesar Carvalho e Marcelino Rosa da Mota e João da Estrela Miranda e Maria de Lourdes Pinto. Vamos mandar o jornal a cada um. Se lerem uma pontinha, é certo e sabido que ficam leitores de ponta a ponta. Há muita gente que devolve o jornal. E' que não leem.**

**Também desejaria entrar na cidade pelas mãos destes novos assinantes. Oito passam palavra a oito. Os jornais, a toda a população. Os directores do teatro-cinema, emprestam a casa gostosamente. As autoridades comparecem. O povo, não se fala. E eu regresso à aldeia contente, com pão pró Lucio comer. Valeu? Fico esperando ordens.**

lhã, 20\$; P.<sup>a</sup> Alberto Cosme do Amaral, Seminário de Resende, 20\$; A. Soares Dias, S. João da Madeira, 50\$; Manuel Luis Leite Júnior, S. João da Madeira, 100\$; Augusta Morais, Cantanhede, 75\$; Carlos Mesquita, Porto, 20\$; Lino Antunes Lopes, Braga, 50\$; António André Rêdes, Ovar 50\$; Viúva Dias da Cunha, S. Martinho da Cortiça, 50\$; Dr. Abilio Campos de Melo, Oliv. de Frades, 50\$; Orácio de Jesus Ribeiro, 100\$; Dulce Tavares Moreira Guimarães, 50\$; Graziela Barbosa de Almeida, 50\$; Olinda de Oliveira Marques, 50\$; Dr. Tomaz António Fernandes, 50\$; todos de Oliv. de Azemeis.

Barroca, Porto, 30\$; Eng. Higido de Queiróz e Melo, Lisboa, 100\$; Hernano de Oliveira Ferreira, Lisboa, 30\$; Dr. Manuel dos Santos Oliveira, Anadia 20\$; D. Helena J. Pinto, S. António dos Olivais-Coimbra, 25\$; Rev.<sup>mo</sup> Arcipreste, Figueiró dos Vinhos, 50\$; Viúva Dias da Cunha, S. Martinho da Cortiça, 50\$; Dr. Abilio Campos de Melo, Oliv. de Frades, 50\$; Orácio de Jesus Ribeiro, 100\$; Dulce Tavares Moreira Guimarães, 50\$; Graziela Barbosa de Almeida, 50\$; Olinda de Oliveira Marques, 50\$; Dr. Tomaz António Fernandes, 50\$; todos de Oliv. de Azemeis.

Costa, 25\$; José Ferreira Pinto, 25\$; Amadeu dos Santos Bodas, 25\$; Joaquim Leite Pinho, 25\$; Alberto Couto, 20\$; Urbano Norberto Sousa Barreto, 30\$; Maria da Luz Guedes, (2 anos), 50\$; Ventura Cordoso, (2 anos), 50\$; Sofia Landreza, 25\$; Dr. Orlando Gomes da Costa, 25\$; Nilo Lopes, 25\$. Todos de Oliveira de Azemeis.

Jaime Pereira da Silva, Porto, 30\$; Alberto Cardoso Delgado, Tomar, 50\$; António Pinto da Costa, Lisboa, 25\$; A. de Matos Tavares, Setúbal, 500\$; Oscar Rodrigues Feixo, Vela-Molelos-Tondela, 20\$; João Barroso Júnior, Alferrredo, 25\$; Carlos Augusto Sousa, Lisboa, 50\$; Manuel de Lencastre, Vila-Meã, 100\$; Joaquim Baptista Damaceno, Rio de Moinhos, (Leste), 25\$; Manuel de Oliveira Neves, Manarrosa-Bustos, 20\$; Serafim Almeida Magalhães, Rio-Tinto, 20\$; Dr. António Rodrigues Soares, Portalegre, (2 anos), 100\$; António Joaquim Castelo, Bombarral, 20\$; P.<sup>a</sup> António Pereira João, Tourais-Seia, 25\$, Fernando Pedro Rosado, Bombarral, 20\$; Capitão Mário Ramos Silva, Leiria, 50\$; Sebastião José de Carvalho, Famalicão, 50\$; Guilhermina Pinto Cardoso, Castendo, 30\$; Raúl Gonçalves Cunha, S. Mamede, 30\$; António Ferreira da Costa, Gaia, 30\$; José Moreira, Maia, 30\$; António Antunes Machado, 30\$; José Maria Trindade Azevedo, 30\$; Albano de Sousa, 30\$; Joaquim Morgado, 30\$; António Ferreira Silva Jorge, 30\$. Todos do Porto.

Manuel António Ferreira da Silva, Maia, 30\$; Zeferino Costa Soares, Porto, 30\$; Mannel Pinto Nogueira, S. Mamede, 30\$; António da Silva Gomes, 50\$; Domingos da Silva Gomes, 50\$; Carlini Luiz Salgueiro, 50\$; Aurora Bragança da Costa Pedrosa, 50\$; Alvirinda da Conceição Baía, 50\$; José Ribeiro Freitas, 50\$; Armando Pacheco de Almeida, 50\$. Todos do Porto.